

EDUCAÇÃO INCLUSIVA PARA JOVENS INDÍGENAS: INFORMÁTICA BÁSICA, LEITURA, PROJETOS DE PESQUISA-AÇÃO NAS COMUNIDADES

Alceli Tapajós Sousa¹; Crislaine Castro de Sousa²; Klyssia Cristhie Castro Gama³; Denize de Souza Carneiro⁴

Estudante do Curso de Bacharelado em Biotecnologia – IBEF/UFOPA - E-mail: tapajosalcelv@gmail.com; ²Estudante do Curso de Ciências da Computação – IEG/UFOPA - E-mail: crislainetapuia@gmail.com; ³Estudante do Curso de Letras - ICED/UFOPA - E-mail: klyssia.gama@gmail.com; ⁴Linguísta, professora no Programa de Letras e na Formação Básica Indígena – ICED/UFOPA - E-mail: denize.carneiro@ufopa.edu.br.

RESUMO: Apresentamos neste texto o desenvolvimento de um conjunto de atividades de extensão, realizadas no âmbito do plano de trabalho *Educação inclusiva, informática básica, leitura e projetos de ação nas aldeias indígenas*, que teve como propósito minimizar problemas enfrentados pelos indígenas no processo de ensino-aprendizagem e proporcionar maior interação entre universidade e comunidade, a partir da implementação de atividades, protagonizadas por indígenas, discentes da Universidade Federal do Oeste do Pará (Ufopa). As ações foram realizadas à luz da estratégia metodológica da pesquisa-ação, com base em Thiollent (1994). Trata-se de diversas modalidades de atividades realizadas tanto na Ufopa/Santarém quanto nas aldeias/comunidades indígenas da região do Baixo Tapajós, Terra Indígena Munduruku e Terra Indígena Nhamundá-Mapuera/Trombetas-Mapuera. Os resultados foram bastante satisfatórios, beneficiando mais de 400 pessoas e colaborando para o aumento da autoconfiança acadêmica dos indígenas e para o fortalecimento cultural dos povos envolvidos.

Palavras-chave: Indígenas no ensino superior; inclusão social; pesquisa-ação nas aldeias.

INTRODUÇÃO

A presença indígena no Ensino Superior é bastante recente, nota-se um maior ingresso a partir das *Lei das Cotas* em 2012, que torna obrigatória, em todas as Universidades Federais, reservas de vagas para indígenas, negros, quilombolas e estudantes oriundos de escolas públicas, com o objetivo de proporcionar igualdade de oportunidades.

Na Universidade Federal do Oeste do Pará (UFOPA), o acesso à universidade já ocorre desde 2010 por meio do Processo Seletivo Especial Indígena (PSEI), que garante a entrada desses povos em todos os cursos de graduação. Felizmente, os indígenas conseguiram o acesso à educação superior; porém, como a instituição não se encontrava preparada para receber alunos com línguas e culturas tão específicas e com diversas lacunas advindas do ensino básico, tais discentes passaram a apresentar dificuldades para serem aprovados nos seus cursos de graduação, chegando a altos índices de retenção. Em resposta a essa problemática, a universidade em diálogo com os indígenas criou a Formação Básica Indígena (FBI), cujo público-alvo são indígenas oriundos do PSEI. Tal formação é feita por meio de atividades de ensino e extensão, durante dois semestres, com uma metodologia que integra ações de ensino, pesquisa e extensão.

Assim, este texto tem o propósito de apresentar um conjunto de atividades desenvolvidas no âmbito da Formação Básica Indígena (FBI), durante o ano letivo de 2017 e 2018, as quais foram protagonizadas por indígenas, internos e externos à Ufopa. Trata-se de minicursos sobre leitura e escrita, auxílio digital e tecnológico e, principalmente, ações nas aldeias/comunidades indígenas, quais sejam: uma roda de conversa sobre a temática indígena no ensino superior aos indígenas wai wai de Mapuera (Terra Indígena Nhamundá Mapuera); uma oficina de artes tradicionais em Kwanamari (Terra Indígena Trombetas-Mapuera); uma roda de conversa sobre a Ufopa e o acesso à Educação Superior aos indígenas Munduruku de Sai-Cinza (Terra Indígena Munduruku), bem como, algumas atividades em comunidades da região do Baixo Tapajós, a saber: uma oficina de jogos e brincadeiras indígenas aos Munduruku de Açaizal; uma oficina sobre grafismo indígena e uma oficina de artes tradicionais aos munduruku de Escrivão; oficina de contação de histórias tradicionais aos arapiuns de Esperança, uma oficina em Ipaupixuna e um dia de atividades (palestras, grupos de trabalho, cine debate) em Taquara.

Tais ações tiveram como objetivo proporcionar aos jovens indígenas, formação em informática básica, técnicas de leitura e escrita em língua portuguesa, e habilidades no desenvolvimento de projetos de pesquisa-ação nas comunidades indígenas, como estratégia de ensino-aprendizagem e também para aproximar a universidade das aldeias a partir de atividades protagonizadas pelos discentes indígenas.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

As referidas ações extensionistas foram desenvolvidas a partir de reflexões teóricas referentes à *Interculturalidade* e, particularmente, à luz da estratégia metodológica da pesquisa-ação, conforme postula Thiollent

(1994, p.14): “um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes (...) estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo”.

Assim, as etapas desde trabalho contaram com a participação ativa de discentes indígenas da Ufopa e de lideranças e comunitários de suas respectivas comunidades, cujos procedimentos deram-se nas seguintes etapas: levantamento da situação ou do problema; definição de uma proposta de intervenção; pesquisa bibliográfica sobre o tema da proposta de intervenção; elaboração da proposta em forma de projeto de ação; planejamento das atividades; implementação das atividades; confecção do relatório das atividades.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Foram implementados 09 projetos de ação nas aldeias e realizadas atividades em apoio ao aproveitamento acadêmico indígena, como, auxílio tecnológico e atividades sobre leitura e escrita. Tais atividades beneficiaram cerca de 500 pessoas.

Ações de linguagem e inclusão digital e tecnológica

Como forma de diminuir as dificuldades dos indígenas na elaboração dos trabalhos acadêmicos e promover a inclusão social, foram ofertados aos indígenas, da turma FBI-PSEI/2017-2018, orientação sobre leitura e escrita e auxílio digital e tecnológico.

No que tange à leitura e à escrita, o auxílio deu-se na forma de minicursos e monitoria, o que proporcionou melhoria na habilidade de produção textual dos participantes. Quanto à inclusão digital e tecnológica, deu-se por meio de oficinas sobre o uso do sistema acadêmico utilizado na universidade e por meio de um curso de informática, no qual foram trabalhados o uso de Novas Tecnologias de Comunicação e Informação, que proporcionaram aos discentes, práticas e experiências na manipulação de ferramentas tecnológicas no itinerário acadêmico e o desenvolvimento de habilidades de manuseio das principais ferramentas de acordo com as normas da ABNT e também melhorou a habilidade na pesquisa via WEB.

Ações de extensão nas aldeias/comunidades

Com objetivo de incentivar o compromisso social dos estudantes indígenas com as suas comunidades e colaborar com a interação entre universidade-comunidade-universidade, foram elaborados e implementados nas aldeias 09 projetos de pesquisa-ação, que contaram com a participação de mais de 300 pessoas.

Tais projetos foram elaborados no âmbito dos componentes curriculares *Introdução à Metodologia Científica* e *Elaboração de projetos*, ambos ofertados na Formação Básica Indígena (FBI/ICED/UFOPA). Ao desenvolver esse trabalho, os indígenas são iniciados à prática de elaboração de projetos; melhoram sua habilidade de leitura e escrita a partir do trabalho de construção de um “projeto de extensão” e, principalmente, voltam seu olhar para as situações e problemas enfrentados por eles na cidade e por seus parentes nas aldeias. A partir disso, são desafiados a definir, juntamente, com lideranças e comunitários uma proposta de intervenção que respondam a algum problema ou situação, já levantada, de acordo com as possibilidades dos participantes envolvidos, como, por exemplo, financeira.

O quadro abaixo, apresenta o título dos projetos, bem como a aldeia/povo, a ação realizada e o número de participantes das atividades realizadas.

Quadro 1. Projeto de ação nas aldeias.

Projeto	Aldeia/povo	Ação	Nº Participantes
1. Sawe	Sai-Cinza/ Munduruku	Roda de conversa sobre o Ingresso na Ufopa	36
2. Kesentacho	Mapuera/Wai Wai	Roda de conversa sobre a Ufopa e o PSEI	20
3. Pu'upuptap	Açaizal/Mundurku	Jogos e brincadeiras indígenas	53
4. Grafismos Munduruku	Escrivão/Munduruku	Oficina de artes tradicionais indígenas	35
5. Kahxapu Pokono	Kwanamari/Wai Wai	Oficina de artes tradicionais indígenas	20
6. Umbeumbeusáwa	Esperança/Arapiun	Contação de histórias, leitura e escrita	30
7.Projeto Traçando Saberes: Ações em prol das Artes Munduruku Cara Preta	Escrivão/ munduruku	Oficina de artes tradicionais indígenas	48
8.Projeto Idibi Xipat	Taquara/munduruku	Palestra, oficina de trabalho, cine debate.	36

9.Projeto Respeitando a Mãe Terra	Ipaupixuna/munduruku	Palestra, oficina, coleta de lixo, distribuição de lixeiras	46
-----------------------------------	----------------------	---	----

O projeto Kesentacho foi implementado na aldeia Mapuera e o projeto Sawé na aldeia Sai-Cinza. Trata-se de rodas de conversa com o objetivo de reunir jovens indígenas, nas suas respectivas aldeias, que estão interessados em fazer faculdade para conhecer mais sobre o Processo Seletivo Especial Indígena da Ufopa (PSEI/UFOPA) e também sobre a realidade da vida na cidade de Santarém.



Figura 1. Roda de Conversa, Mapuera, janeiro de 2018.

O projeto *Pu'upuptap* ("brincadeiras" em munduruku) foi realizado com o objetivo de iniciar o resgate dos jogos tradicionais indígenas. As modalidades de jogos escolhidos foram: corrida de velocidade, corrida com tora, lança, dentre outros.



Figura 2. Açaizal, dezembro de 2017.

O *Projeto de Ação Grafismo indígena: uma experiência de resgate e recriação da pintura corporal munduruku cara preta* foi desenvolvido com o objetivo de promover o resgate dos grafismos ainda presentes na memória das pessoas mais antigas da comunidade Escrivão, como também criar grafismos a partir dos aspectos culturais deste povo, como, a de ter uma pintura distinta para cada ocasião, com um significado específico.



Figura 3. Aldeia Escrivão, dezembro de 2017

O projeto *Kahxapu Pokono* foi implementado com a finalidade de proporcionar às jovens da aldeia Kwanamari o resgate dos artesanatos wai wai, ensinado pelas senhoras mais velhas da aldeia. Foram confeccionadas

pulseiras, colares, saias, brincos e pinturas corporais que combinavam com pinturas corporais, produzidas durante a oficina.

O projeto *Umbeumbeusáwa* (significa história ou conto em *nheengatu*) teve como objetivo promover a valorização de histórias e contos da cultura local a partir da realização de oficinas de contação e reconstituição de histórias e uso de canções populares, na modalidade oral e escrita da língua portuguesa.



Figura 4. Aldeia Esperança, dezembro de 2017.

O Projeto *Traçando Saberes: Ações em prol das Artes Munduruku Cara Preta* foi criado com o objetivo de promover o resgate dos saberes tradicionais indígenas, referente às artes de tecer produtos utilizados na produção da alimentação indígena junto aos jovens do povo Munduruku Cara Preta de Escrivão.

O Projeto *Idibi Xipat* (água boa" em munduruku) foi criado com finalidade de mobilizar a aldeia Taquara a conhecer, refletir e agir acerca de problemas decorrentes de água inadequada ao consumo humano e requerer junto aos órgãos competentes do Estado, pesquisas que verifiquem a qualidade da água nessa localidade, bem como que ofereça serviços de saneamento e água tratada, conforme previsto na Lei N° 11.445⁵, de 5 de Janeiro de 2007.



Figuras 5. 6. e 7. Aldeia Taquara, em setembro de 2018 (durante o desenvolvimento do Projeto).

O Projeto *Respeitando a Mãe Terra* teve como tema “o lixo e suas implicações em Ipaupixuna”. Este projeto surgiu devido ao descarte do lixo de forma inadequada na aldeia, situação que levou acadêmicos indígenas a realizarem atividades para conscientizar os moradores, como: palestras e orientação em relação à separação e coleta do lixo; discussão acerca dos cuidados com o meio ambiente, considerando os saberes tradicionais indígenas.



Figuras 8 e 9. Fotos das atividades em Ipaupixuna, em setembro de 2018 (confeção e distribuição de placas com orientação sobre cuidados com o meio ambiente).

CONCLUSÕES

O presente trabalho foi de grande relevância para a formação acadêmica, social e pessoal dos discentes envolvidos. A iniciação à elaboração de projeto contribuiu para o aproveitamento acadêmico, por exemplo, na assimilação de conhecimentos de metodologia científica, língua portuguesa (escrita e reescrita de textos). Por serem projetos de ações extensionistas tal atividade contribuiu para fortalecer o compromisso dos indígenas com seus lugares de origem, colaborando com a resolução de problemas. Após esse trabalho, notou-se que discentes indígenas se tornaram mais autoconfiantes e comunitários das aldeias se sentiram mais valorizados.

AGRADECIMENTOS

À Procce/Ufopa pela bolsa Pibex concedida; ao Instituto de Ciências da Educação/Ufopa pelo apoio e incentivo.

REFERÊNCIAS

THIOLLENT, M. Metodologia da Pesquisa-Ação nas organizações. 6ª edição Ed. Cortez. São Paulo, 1994.